

FOLHA DOMINICAL

Domingo III da Páscoa



Primeira Leitura (Atos 3, 13-15.17-19)

Naqueles dias, Pedro disse ao povo: «O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Servo Jesus, que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos, estando ele resolvido a soltá-l'O. Negastes o Santo e o Justo e pedistes a libertação dum assassino; matastes o autor da vida, mas Deus ressuscitou-O dos mortos, e nós somos testemunhas disso. Agora, irmãos, eu sei que agistes por ignorância, como também os vossos chefes. Foi assim que Deus cumpriu o que de antemão tinha anunciado pela boca de todos os Profetas: que o seu Messias havia de padecer. Portanto, arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam perdoados».

A primeira leitura faz parte de um discurso mais amplo proferido por Pedro no ambiente do Templo (Atos 3,12-26). Responde à necessidade de esclarecer, após a reação confusa das pessoas, a cura do parálítico que ocorreu graças à intervenção de Pedro (Atos 3,1-10). É dirigido aos israelitas que testemunharam o milagre e segue o modelo dos discursos missionários dirigidos ao judaísmo: proclamação da mensagem, testemunho dos apóstolos, argumentação baseada nas Escrituras e apelo à conversão. A explicação do milagre é articulada em torno do anúncio da morte e ressurreição de Jesus. É expressa numa formulação tradicional através de um esquema de contraste entre as ações de Deus e as do seu povo: "Vós o matastes [...] Deus o ressuscitou". Os apóstolos apresentam-se como testemunhas desta ressurreição e o milagre é interpretado como um efeito da força atuante do ressuscitado no presente: não foi Pedro nem os discípulos quem fez o parálítico andar. O apelo final à conversão é ampliado consideravelmente nos versículos que se seguem. Todo o discurso tende para isso. O tempo presente é apresentado como o momento oportuno para reverter a situação, como um espaço de salvação onde é dada uma oportunidade aos ouvintes para se converterem.

Segunda Leitura (1 Jo 2, 1-5a)

Meus filhos, escrevo-vos isto, para que não pequeis. Mas se al-guém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai. Ele é a vítima de propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos do

mundo inteiro. E nós sabemos que O conhecemos, se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz conhecê-lo e não guarda os seus mandamentos é mentiroso e a verdade não está nele. Mas se alguém guardar a sua palavra, nesse o amor de Deus é perfeito.

O autor da Primeira Carta de João, ciente de que o pecado está presente na vida dos seus interlocutores, convida-os a confiar em Jesus Cristo, que é apresentado como advogado que intercede junto ao Pai. Esta é uma perspectiva relativamente nova da cristologia joanina, pois, no Evangelho, esse papel é desempenhado pelo Espírito. Aqui, Jesus é apontado como mediador da reconciliação e é designado como "o Justo", um termo que aparece no Antigo Testamento em relação a Deus num contexto de aliança. Nesta passagem, apresenta-se Jesus como aquele em quem se encontra a justiça. A ideia de ser vítima de propiciação pelos nossos pecados está relacionada com a designação joanina de Cristo como "cordeiro de Deus", em alusão à dimensão sacrificial e expiatória da sua morte. Continuando com o tom exortativo, o autor refuta em seguida o falso conhecimento de Deus que exclui o amor da vida quotidiana do crente. O termo "conhecer" é aqui entendido no seu sentido semita. Não se está a falar de um conhecimento abstrato e teórico, mas sim de um conhecimento pessoal adquirido pela experiência. Por outro lado, é um conhecimento inseparável da conduta moral e ligado ao cumprimento da vontade de Deus expressa nos seus mandamentos e na sua Palavra. O autor contrasta assim "dizer" com "guardar", indicando que o conhecimento de Deus é verificado no último; mais ainda, tem lugar e realiza-se através dele.

Evangelho (Lc 24, 35-48)

Naquele tempo, os discípulos de Emaús contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir do pão. Enquanto diziam isto, Jesus apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco». Espantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito. Disse-lhes Jesus: «Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E como eles, na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar, perguntou-lhes: «Tendes aí alguma coisa para comer?». Deram-Lhe uma posta de peixe assado, que Ele tomou e começou a comer diante deles. Depois disse-lhes: «Foram estas as palavras que vos dirigi, quando ainda estava convosco: 'Tem de se cumprir tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos'». Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras e disse-lhes: «Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de todas estas coisas».

O Evangelho descreve um relato da aparição de Jesus aos onze discípulos, que culmina num mandato de missão. Apesar de já terem recebido o testemunho da ressurreição pelos discípulos de Emaús, estes precisam de fazer a sua própria jornada para acreditar. Nessa perspetiva, aqui é apresentado o encontro com Jesus vivo e ressuscitado como fundamento da existência cristã não apenas dos apóstolos, mas também dos crentes de todos os tempos. Por sua vez, exemplifica esse encontro nos seus principais aspetos. Jesus toma a iniciativa e coloca-se no meio deles, desejando-lhes paz. Este é o típico cumprimento semita, mas no evangelho de Lucas, a paz é sinal de salvação e aqui tem um duplo sentido. A aparição, conforme relatada, enfatiza que o ressuscitado não é simplesmente um cadáver trazido de volta à vida, mas também não é uma alma imortal e etérea. A sua corporalidade e continuidade com o crucificado são afirmadas. A reação dos discípulos passa do medo, assombro e dúvida para a adoração, alegria e obediência. O relato também enfatiza que a aparição em si mesma não gera fé por si só. Precisa de ser interpretada, e é isso que as palavras de Jesus apontam. Ele revela o profundo sentido das Escrituras, que não apenas encontram em si mesmas o seu cumprimento, mas também o seu intérprete. O envio final dos onze como testemunhas, a promessa do Pai e a ordem de permanecer em Jerusalém serão repetidos no início do livro dos Atos dos Apóstolos. Juntamente com o próximo excerto, estabelecem uma continuidade literária entre ambas as obras, que reforça a continuidade entre a missão de Jesus e a da Igreja nascente, cuja origem e primeiros passos serão descritos nos Atos dos Apóstolos.

Deus nas letras humanas

mais importante que ter uma memória é ter uma mesa

mais importante que já ter amado um dia é ter uma mesa sólida

uma mesa que é como uma cama diurna

com seu coração de árvore, de floresta

é importante em matéria de amor não meter os pés pelas mãos

mas mais importante é ter uma mesa

porque uma mesa é uma espécie de chão que apoia

os que ainda não caíram de vez

Ana Martins Marques

Avisos Paroquiais | 14 a 21 de abril

14 | III Domingo da Páscoa

15 | Outras leituras | 21:30

16 | Reunião da equipa de liturgia | 21:30 | Silvalde

17 | Recoleção com o Evangelho, em Silvalde | 21:30

19 | Reunião do Conselho paroquial pastoral | 21:30

20 | Festa das vocações na Eucaristia | 19:00

21 | IV Domingo da Páscoa - Domingo do Bom Pastor

Maiο, mēs de Maria | os grupos paroquiais devem passar no centro pastoral para se inscreverem para a recitação do terço.

Estão abertas as inscrições para a celebração do **jubileu matrimonial** com a Diocese | 5 de maio.

Estão abertas as inscrições para a **bênção das grávidas** | 5 de Maio | Eucaristia | 11:00.